

Sugestões de títulos e orientações para o trabalho em sala de aula — complementar ao *Caderno de Leituras*

Resistir ao tempo

Noemi Jaffe

Doutora em literatura brasileira pela USP, escritora e colaboradora do jornal *Folha de S.Paulo*.

Quando tantas escolas, universidades, cursinhos e publicações insistem em alardear a ideia de que a educação deve acompanhar as mudanças do tempo, cada vez mais veloz e mutante, é fundamental resistir com convicções firmes que se oponham a essa cultura da mudança pela mudança. Não cabe à escola acompanhar o tempo cegamente. Ao contrário, uma das funções mais urgentes da educação é resistir ao tempo, teimar em conservar, em não ceder e não se adaptar às mudanças. Contra a ideia esvaziada de perene renovação, a escola precisa ter a coragem de se assumir, na justa medida, como conservadora, no sentido literal da palavra. Educar é, em grande parte, remeter ao passado, à memória, às ideias possíveis e impossíveis de identidade e de formação cultural e humana. E não há como a escola exercer este papel, senão lembrando, para que os alunos possam viver seu presente, seu aqui e seu agora, pisando num chão todo ele vivo e pleno de experiências. A experiência de conhecer o passado é a possibilidade de conhecer o outro — fundamento da formação do eu, em especial numa atividade totalmente relacional como é a educação. E, principalmente para alunos de ensino fundamental, ainda não totalmente preparados para formalizações mais conceituais e abstratas, o conhecimento do outro passa pela experiência pessoal do outro, por sua narrativa.

O menino do pijama listrado conta o drama do Holocausto de um ponto de vista totalmente inusitado. O herói do romance, Bruno, é filho de um alto oficial nazista, tem nove anos e é mantido completamente alheio à situação terrível do povo alemão e, mais ainda, dos judeus. Vive encastelado numa mansão, sem contato nenhum com a realidade, quando é subitamente transferido para dentro do próprio olho do furacão nazista: uma casa em Auschwitz. Mas ele não faz ideia de onde está. De dentro do campo, o menino observa, ao longe, uma grande cerca e, por detrás dela, centenas de pessoas vestindo pijamas listrados. Decide explorar as redondezas e logo encontra Shmuel, que vive do outro lado. Um universo os separa, simbolizado por aquela cerquinha, mas Bruno não se dá conta disso. Apega-se a Shmuel, com quem conversa praticamente todo dia e a quem leva comida, até que ocorre o

inevitável nó da narrativa, necessariamente trágico, mas nem por isso menos imprevisível.

O livro, adequado para adolescentes desde o sétimo até o nono ano do ensino fundamental, pode ser trabalhado de várias formas. Os alunos podem, após ou mesmo durante a leitura, trazer outros livros que tratem de grandes tragédias pessoais, regionais ou nacionais, como *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; *Diário de Anne Frank*; *Diário de Zlata*, de Zlata Filipović; *Capitães da Areia*, de Jorge Amado; e *Cinderela chinesa*, de Adeline Yen Mah, entre outros. Os alunos que já leram esses romances podem relatar as histórias e identificar as diferenças e semelhanças. Para isso, ou para qualquer outra atividade, é fundamental que o professor elabore uma série de questões, em forma de roteiro dirigido, que permita discutir a importância de lembrar histórias ocorridas há muito tempo, e também debater sobre a importância de conhecer histórias a respeito de pessoas tão diferentes, em lugares e tempos tão diversos. Alguns exemplos de questões: se há tantos problemas no Brasil, por que é importante estudar os problemas de outros países? Se o Holocausto já terminou, por que é importante estudá-lo? Como as narrativas pessoais podem ajudar a compreender problemas sociais? Quais as diferenças entre relatos oficiais da história e relatos pessoais? Se a narrativa é ficcional, como ela pode nos ajudar a compreender a realidade histórica?

Os alunos também podem, a partir de suas leituras, mudar o ponto de vista de várias outras histórias conhecidas e criar narrativas de uma perspectiva inusitada. Por exemplo, a história de *Vidas secas* narrada por Sinhá Vitória, ou a história de Anne Frank narrada por algum amigo imaginário. É possível completar o projeto em três ou quatro aulas, sendo que o trabalho final pode ser um pequeno conto, seguido da leitura compartilhada das histórias. Pode-se realizar debates dirigidos e até escrever novos finais para a história, escrever a história do ponto de vista de Shmuel, trabalhos em grupo com seminários, apresentação de vídeos, músicas e várias outras possibilidades. O projeto também pode ser desenvolvido em conjunto com os professores de história e de filosofia.

Enfim, há inúmeras opções de trabalho, mas o fundamental é consolidar a ideia do conhecimento do outro, do diferente, da lembrança, para construir uma ideia de si, do mesmo, do aqui e do agora.